ISSN: 2594-6153

Redefinindo Narrativas: A Influência do *Instagram* na Abordagem da Violência Contra Mulheres

Nara Assunção Silva

UNISANTA- Universidade Santa Cecília - Departamento de Comunicação Digital – Santos –SP- Brasil
E-mail: assuncaonara@gmail.com

Resumo
Com o engajamento crescente nas mídias sociais, o artigo analisa a influência de perfis de movimentos ativistas do instagram na mudança cultural na luta das mulheres contra violência e feminicídio. Análise de conteúdo nos perfis 'Think Olga', 'Mas ele nunca me bateu' e 'Az Minas' revela como essas novas mídias contribuem com uma narrativa mais assertiva sobre a temática, trazendo o assunto para o debate público e mudando a perspectiva no enquadramento da notícia.
Palavras-chave: jornalismo digital, violência contra mulher, comunicação digital, democratização da informação, jornalismo independente, ativismo digital

Redefining Narratives: The Influence of Instagram on Addressing Violence Against Women

Abstract
With the increasing engagement on social media, the article analyzes the influence of Instagram activist movement profiles on cultural change in women's fight against violence and femicide. Content analysis on the 'Think Olga,' 'Mas ele nunca me bateu,' and 'Az Minas' profiles reveals how these new media platforms contribute to a more assertive narrative on the subject, bringing it into public discourse and shifting the perspective in framing the news.
Keywords: Digital journalism, Violence against women, Digital communication, Democratization of information, Independent journalism, Digital activism

Introdução

Nos tempos atuais, as novas mídias sociais têm desempenhado um papel cada vez mais significativo na formação da opinião pública e na disseminação de informações. Mesmo que represente também um ambiente de disputas ideológicas, com muitos interesses sendo patrocinados, é na internet que muitas iniciativas e lutas sociais ganham força. Manuel Castells, por exemplo, argumenta que a internet e as redes sociais desempenham um papel crucial na mobilização social e política, pois proporcionam novas maneiras das pessoas se conectarem, compartilharem informações e organizarem protestos e movimentos sociais. Ele sustenta a ideia de que o ativismo digital pode exercer um impacto significativo nas dinâmicas de poder e na arena política global.

ISSN: 2594-6153

A violência de gênero e o feminicídio são questões urgentes e persistentes na sociedade, exigindo abordagens efetivas para combatê-los. Assim como outros movimentos sociais, essa luta ganhou diferentes abordagens nas redes sociais. Nesse contexto, emergem novos formatos de criação de conteúdo, que utilizam o *instagram* como principal plataforma, para abordar as mais diferentes questões sociais. Movimentos que têm se mostrado ferramentas poderosas de mobilização, permitindo, por exemplo, que mulheres compartilhem suas histórias, denunciem abusos, expliquem os tipos de violência e busquem por justiça. Investigar como esses perfis influenciam positivamente a mudança cultural é crucial para compreender seu potencial transformador.

Segundo estudo recente das jornalistas OLIVEIRA e RODRIGUES [1], a imprensa brasileira ao longo de 40 anos, relatou casos de feminícidio com uma narrativa de responsabilizar a mulher pelos crimes e violências:

> Tudo isso se choca com a narrativa escolhida para a ampla maioria dos feminicídios reportados pela imprensa brasileira. Revitimizar uma mulher assassinada corresponsabilizando-a pelo crime com o uso da voz passiva; apagar sua memória e não contar sua história — quando não se apaga até o nome –; expô-la em fotos sensuais, estimulando um julgamento moral e abrindo brechas para a defesa do assassino justificar falsa passionalidade. Estes pontos, entre outros, não têm nada de busca pela verdade, direito à informação pública, de oposição à opressão ou defesa dos direitos humanos. (OLIVEIRA E RODRIGUES, 2023)[1]

A pesquisa mostra a importância dos atuais movimentos impulsionados pela facilidade das mídias sociais em se criar uma nova narrativa sobre a violência que mulheres enfrentam todos os dias em suas rotinas, onde o lugar mais perigoso ainda é dentro de casa. Quase 90% dos crimes de feminicídio, por exemplo, são cometidos por homens que tinham ou tiveram algum vínculo afetivo com a vítima. O Brasil bateu recordes de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. Mas o feminicídio é apenas o fim da linha da violência contra as mulheres. Por muitos anos a mulher enfrentou a violência de gênero como um acontecimento natural, fator que era encarado com naturalidade nas relações conjugais e no ambiente familiar, reforçando uma cultura baseada no patriarcado (Schmitt, 2016) [5].

Até pouco tempo a violência contra a mulher era vista como um enigma da esfera privada, em que o Estado não poderia intervir, predominando a ideia e o senso comum que:

ISSN: 2594-6153

"em briga de marido e mulher ninguém mete a colher" (Monteiro, 2012) [6]. Foi nesse cenário, de sociedade patriarcal, que se moldou a divulgação das notícias da violência de gênero.

O presente artigo realiza uma análise do conteúdo publicado em três grandes perfis do instagram *Think Olga*, *Mas ele nunca me bateu* e *Az Minas*, apontando a mudança cultural na luta das mulheres e novas maneiras de como falar de violência, sem ser expondo apenas em manchetes os casos de feminicídio, dando pela primeira vez luz constante a todos os tipos de violência: psicológica, física, patrimonial, sexual, econômica.

De acordo com Liliane Pereira, que organizou o livro "Mas Ele Nunca me Bateu", é necessário falar dessas violências que matam tantas mulheres todos os dias, que as adoecem por viver um relacionamento abusivo. Em resumo, essa pesquisa visa compreender como esses movimentos digitais impactam na luta por uma sociedade mais igualitária, tendo como ponto de partida três perfis diferentes de criação de conteúdo, que discutem a violência contra mulher.

Perfis do *Instagram* e a Transformação Cultural

No cenário contemporâneo, as mídias sociais emergiram como poderosas plataformas de expressão e conscientização, impulsionando debates cruciais sobre questões de gênero, igualdade e direitos das mulheres. O presente artigo mergulha em uma investigação essencial, onde três influentes perfis do Instagram - Think Olga, Mas ele nunca me bateu e Az Minas - se destacam como protagonistas da mudança cultural referente ao combate à violência contra mulher.

Perfil	**Descrição**	**Seguidores**	**Posts (de jan. a jul. de 2023)**
@think.olga	Comunicação para promover a equidade de gênero, mobilizar a sociedade e impulsionar transformações culturais	96,1mil	33
@revistaazmina	Somos uma revista digital feminista.	115 mil	152
@mas ele nunca me bateu	Conscientização, Superação, Rede de Apoio Virtual para mulheres.	334 mil	708

1.Think Olga é uma ONG que atua junto à sociedade civil, com um papel de 'abastecer com pesquisas e dados portais e jornalistas'. Tem um perfil de *Instagram* engajado com a causa, compartilhando conteúdos exclusivos que refletem sobre desigualdade de gênero nas mais diferentes esferas. Ganhou destaque com a campanha Chega de Fiu Fiu, de 2013, e

ISSN: 2594-6153

posteriormente com a campanha #primeiroassédio, de 2015. No período estudado foram 33 posts para o *feed*, em uma linha editorial que mescla conteúdos políticos, sobre leis, economia, mercado de trabalho, dados sobre violência, mulheres indígenas e reflexão de casos que foram expostos pela grande mídia. No *linktree* do perfil é possível acessar conteúdos mais aprofundados como o série de três vídeos sobre 'O direito ao cuidado entre mulheres trans, travestis e pessoas não-bináries'; o 'Guia de bolso: o que fazer em casos de violência?', em formato de pdf que pode ser baixado para consulta; e o infográfico 'Sem a mulher negra a economia para'.

Ao postar sobre o caso de um famosos jogador de Futebol, por exemplo, o projeto traz uma profundidade para o desfecho do crime e a importância de se criar protocolos como 'No Callen', que ajudam no combate a agressões sexuais e violência contra mulher em espaços de lazer, responsabilizando os agressores. O post apresenta uma análise sucinta, mas abrangente, do protocolo 'No Callen', explorando seus aspectos-chave e enfatizando por que é crucial que a sociedade se una em prol dessa causa significativa. Sob o título marcante "O fim da impunidade?", o carrossel de postagens obteve um total de 384 curtidas, demonstrando o interesse do público por esse tema crucial.

2.Revista AzMina é um veículo jornalístico dedicado à cobertura abrangente de temas com enfoque de gênero. Fundada em 2015, ela nasceu em um momento no qual a mídia brasileira utilizava termos equivocados para o feminicídio e excluía mulheres negras, indígenas, trans e lésbicas da narrativa. Desde 2017, a Revista AzMina passou a ser parte do Instituto AzMina, uma organização sem fins lucrativos que tem como missão promover a igualdade de gênero. Lançou o aplicativo PenhaS, que busca reunir e facilitar todas as fases da violência contra mulher. Entre janeiro e julho de 2023 postou - no *feed* - 152 conteúdos exclusivos, reunindo matérias jornalísticas, que trazem à reflexão diversas pautas, como transfobia, gordofobia, rotina de mulheres presas, perfis de mulheres inspiradoras, sexualidade, violência política de genêro, vídeos que respondem perguntas sobre diferentes temáticas. No linktree do perfil é possível ir para as matérias do site mais, com destaques para as últimos publicadas, como o vídeo 'Como vivem as presas que são mães?' e às outras plataformas do movimento como o Penhas: Criando conexões contra a violência.

A revista postou em 17 de março de 2023, o carrossel que explica em 10 'slides' o que é importunação sexual e de que forma ela acontece na rotina das mulheres, pegando

ISSN: 2594-6153

como gancho o caso nacional dentro do BBB23. E, por fim, ainda indicam o aplicativo ‘penhaS’, desenvolvido pela revista, para quem precisa de acolhimento.

O post alcançou 1156 curtidas e comentários que demonstram a importância de explicar de forma didática o assunto. Dois temas que também chamam atenção no período analisado foram as publicações sobre a reportagem do ‘sistema prisional e as mulheres mães’ e do evento ‘Abuso não é amor’.

3.**Mas Ele Nunca Me Bateu** existe há quatro anos com posts de relatos de casos de violência, enviados por mulheres de todo país, além de expor casos que aparecem na grande mídia e conteúdos informativos. O movimento é liderado por Débora Fernandes. O perfil se transformou em uma das principais plataformas digitais de acolhimento a vítimas de relacionamento abusivo e violência doméstica no Instagram. De forma independente, o perfil ajuda, auxilia, informa e orienta mulheres vítimas de violência doméstica, com grupos de apoio com voluntárias da área de psicologia, direito e assistência social. O projeto lançou um livro online gratuito, sobre relacionamento abusivo, apresentando 78 relatos. Em contraste com os dois projetos anteriores, este perfil não se dedica à criação de conteúdo jornalístico autoral. A proposta desta página é destacar casos de agressão, com a identidade do agressor em evidência.

O perfil também atua como um extenso mural para compartilhar depoimentos reais, enviados por mulheres. São relatos que abordam todos os tipos de violência, psicológica, financeira, patrimonial, sexual, física... Muitas vezes veem acompanhados com o aviso “Alerta de gatilhos” para que as pessoas se preparem para ler ou ver os relatos. Comentários como ‘Essa moça tá descrevendo meu relacionamento com meu ex’ ou ‘Eu demorei a perceber que ele me controla o tempo todo, onde vou inclusive me segue’ demonstram a importância de espaços de discussão como esse. Além disso, o perfil compartilha conteúdo de outras iniciativas, tanto privadas quanto públicas, mesclando depoimentos com informações úteis, como visto no primeiro post da sequência abaixo "Sofri violência doméstica e agora?". Já no post ao lado "É só separar" é possível entender a importância de criar redes de apoio sem julgamentos para as que enfrentam situações de violência.

Considerações Finais

Os perfis transcendem a abordagem sensacionalista ao evitar a mera exposição de casos de feminicídio com manchetes que responsabilizam a vítima pelos crimes. Neste

ISSN: 2594-6153

contexto, os perfis redefinem narrativas, construindo um novo discurso que vai além das aparências superficiais, revelando nuances e desafios complexos da realidade feminina.

Eles não apenas ampliam a conscientização sobre o assunto, mas também oferecem apoio, informação e um espaço seguro para as mulheres compartilharem suas experiências. Os resultados revelaram o impacto positivo dessas iniciativas, com postagens que alcançam centenas e milhares de curtidas, bem como comentários que destacam a importância de trazer à tona essas questões. Os dados mostram a importância contínua de usar as redes sociais como ferramentas poderosas na busca por uma sociedade mais igualitária e segura, contribuindo com políticas públicas e desempenhando um papel significativo na mudança cultural e na luta contra a violência de gênero.

Referências

1. OLIVEIRA, N. de; RODRIGUES, V. Histórias de morte matada contadas feito morte morrida. **Organicom**, *[S. l.]*, v. 20, n. 41, p. 32-46, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2023.206716. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/206716. Acesso em: 16 ago. 2023.
2. CASTELLS, Manuel. Redes de Indignação e Esperança. Editora Zahar, 2013.
3. CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 244 p. (original: La Galaxia Internet. Reflexiones sobre Internet, empresa y sociedad. Madrid: Areté. 2001)
4. FERNANDES, Débora. Mas ele nunca me bateu. Organizadora: Liliane Pereira de Souza. Campo Grande: Editora Inovar, 2019.
5. Schmitt, N. G. (2016). A influência da cultura patriarcal na produção de violências e na construção das desigualdades entre homens e mulheres: um olhar dos profissionais que atuam na rede de proteção social no município de Araranguá/sc. Acesso em: 17 de agosto de 2023, disponível em: http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Nayara.pdf
6. Monteiro, F. (2012). O papel do psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica. Acesso em: 17 de agosto de 2023, disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2593/3/20820746.pdf>
7. BRADSHAW, P. (2014). Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. Webjornalismo, 7, 111-136